ANACRHÔNICAS DA FRANCA DO IMPERADOR nº 42 2026_19out

PARQUE VICENTE LEPORACE

Fiz um passeio guiado com estudantes do bairro e da UNESP para mostrar o projeto do Parque Vicente Leporace e sua história, uma integração entre o programa de memória urbana e educação patrimonial que desenvolvemos no Laboratório das Artes e um projeto de extensão da UNESP no bairro coordenado pelo prof. Murilo Gaspardo. Durante uma manhã luminosa de primavera, caminhamos desde o pontilhão sobre a Rodovia Cândido Portinari pela Avenida Abrahão Brickmann contando histórias desde a elaboração do projeto urbanístico, que é da época (1977) em que trabalhei como arquiteto da Prefeitura de Franca e acompanhei as tratativas da CECAP (hoje CDHU) que cuidava da construção de "casas populares" no estado de São Paulo. O projeto original é do arquiteto Vitor Santos, da equipe própria da CECAP. Lembro da visita que o Alfredo Paesani fez ao gabinete do prefeito Maurício Sandoval para tratar do projeto e de quando fizemos a exigência considerada absurda para os loteamentos de então prevista na Lei do Plano Diretor: uma avenida central com 32 metros de largura, que acabou obedecida pela CECAP. A partir daí nenhum outro loteador reclamou.

Falei sobre a aquisição da área pela CECAP (se não me engano, uma fazenda de Milton Brigagão, o criador da fábrica de Calçados Sândalo) no final do governo do prefeito Hélio Palermo em 1976, decisão que custou abandonar o Plano Diretor da diretriz de tornar a cidade mais compacta, a área ficava do outro lado da rodovia, afastada da cidade existente, tornando os custos de implantação e de transporte dos trabalhadores muito mais onerosos.

Essa decisão também custou muitas vidas por atropelamentos na rodovia, pois a passagem era em nível, o pontilhão foi construído bem depois da ocupação inicial. Aliás, uma das questões da conversa foi essa, das lutas populares pela implantação de infraestrutura e equipamentos. A mudança das primeiras famílias para as casas térreas construídas no primeiro lote, em torno de 1000 unidades, não foi acompanhada pela infraestrutura – havia água, esgoto e energia elétrica, mas não havia drenagem, pavimentação ou iluminação pública. Quando chovia, o bairro virava uma lama só, que lhe pespegou o apelido popular de "Chaparral", um seriado de cowboy norte-americano que fazia sucesso na TV da época, onde as ruas do povoado estavam sempre enlameadas. Na seca, o pó varria as ruas e as roupas que secavam nos varais.

Ocupado por muitos trabalhadores das fábricas de calçados, o bairro se notabilizou também pelas lutas sindicais que transbordaram para as lutas políticas por infraestrutura e ainda por melhores condições de vida da população pobre, elegendo vereadores trabalhadores ligados ao movimento sindical que ali moravam desde o início.

Uma das características do projeto inicial eram as moradias térreas construídas por um sistema francês de pré-fabricação, com paredes de concreto que se revelaram problemáticas para expansão das moradias. Só havia moradias, não havia comércio ou equipamentos como unidades de saúde ou escolas, construídas bem depois da ocupação inicial, assim como os pequenos centros comerciais. O abastecimento era problemático, havia apenas vendedores de rua que entregavam pão, leite e outros suprimentos. Os blocos de apartamentos verticalizados somente foram construídos ao longo dos anos 1990, ocupando a parte nobre do bairro ao longo da avenida principal, o que gerou outro problema: na ausência de edificações comerciais, moradores com garagens voltadas pra avenida as transformaram em saletas comerciais, gerando grande confusão, até hoje estão lá. O fato é que a implantação de um mega-projeto do tipo naqueles anos 1980 com previsão para abrigar 15 mil pessoas, mesmo com todos os problemas de infraestrutura, foram fundamentais para reduzir o risco de surgimento de favelas na cidade. Seus lotes generosos, um sistema viário bem planejado, com previsão de áreas verdes abundantes e para equipamentos públicos de saúde, educação, esporte e lazer, fizeram com que o conjunto se tornasse emblemático para a cidade. A nomeação do grande

radialista francano Vicente Leporace, o “Trabuco” da Rádio Bandeirantes de São Paulo, foi uma boa homenagem para um bairro popular e que ocupa o imaginário da cidade como um local autêntico da Franca dos dias de hoje. Quem quiser saber mais consulte a dissertação de mestrado da arquiteta Maria Cecília Sodré Fuentes na UFSCar, traz os detalhes técnicos todos.
Mauro Ferreira é arquiteto